

Os Dez+

Uma seleção de livros e eventos culturais indicados pelo caderno



Obra de Gérard Fromanger



Trabalho de Robert Rauschenberg, no Instituto Tomie Ohtake



"Cidades Azuis", colagem de Daniel Escobar, na galeria Rhys Mendes

Fotos Divulgação

+ Exposição Gérard Fromanger

O MAM-Rio (tel. 0/xx/21/2240-4944) apresenta cerca de 50 trabalhos do artista, de obras da nova figuração francesa (anos 1960) a pinturas, colagens e gravuras recentes e inéditas. Luiz Camillo Osório, curador do museu, destaca o diálogo entre Fromanger e Carlos Vergara em mostra paralela.

+ Literatura A Voz dos Botequins...

... e Outros Poemas". Retine, em edição bilingue, textos de Paul-Marie Verlaine (1844-96), expoente da poesia simbolista francesa. Com seleção e tradução do escritor modernista Guilherme de Almeida, o livro foi publicado originalmente em 1944. Ed. Hedra (tel. 0/xx/11/3097-8304). 106 págs., R\$ 15.

+ Retrospectiva Robert Rauschenberg

Um dos artistas americanos mais importantes do século 20 ganha, finalmente, uma grande exposição no Brasil: o Instituto Tomie Ohtake (tel. 0/xx/11/2245-1900) reúne 98 obras de Rauschenberg (1925-2008), pai da "pop art" e influente na consolidação de Nova York como centro artístico.

+ História Em Nome de Deus

A ensaísta britânica Karen Armstrong analisa os movimentos fundamentalistas no judaísmo, no cristianismo e no islamismo a partir de 1492 — ano de importância histórica para as três religiões. Tradução de Hildegard Feist. Companhia das Letras (tel. 0/xx/11/3707-3500). 584 págs., R\$ 29,50.

+ Coletiva De Passagem

Em contraste com a tradição da paisagem como gênero, surgido no século 17, a curadoria de Fernanda Lopes na galeria Rhys Mendes (tel. 0/xx/11/2528-6331) aborda a paisagem como "espaço entre" na obra de artistas como Cao Guimarães, Estela Sokol e Roberto Bellini, entre outros.

+ Crítica J. Guinsburg, a Cena...

... em Aula". O livro, dedicado à trajetória do professor de estética teatral, reproduz cursos que ministrou na Escola de Comunicações e Artes da USP na década de 1980. Traz ainda depoimentos de ex-alunos. Jacó Guinsburg e Rosângela Patriota (org.). Edusp (tel. 0/xx/11/3091-4008). 552 págs., R\$ 76.

+ Ficção Quando o Irã...

... Censura uma História de Amor". Neste romance, o escritor iraniano radicado nos EUA Shahriar Mandanipour imagina um escritor cujo intuito é o de compor uma narrativa capaz de superar a censura no Irã. Trad. Marcos Maffei. Ed. Record (tel. 0/xx/21/2585-2000). 378 págs., R\$ 49,90.

+ Mostra Amilcar de Castro

A Caixa Cultural (tel. 0/xx/11/3321-4400), na av. Paulista, exibe 34 gravuras do artista plástico (1920-2002), um dos nomes mais expressivos do neocretismo. Os trabalhos integram acervo com 572 obras litográficas realizadas pelo artista mineiro nos seus últimos 13 anos de vida.

+ Estudo A Oficina do...

... Cosmógrafo". O professor de literatura na Universidade de Paris 4 Frank Lestringant comenta a obra do geógrafo André Thévet, que esteve no Brasil à época da primeira invasão francesa, no século 16. Trad. Edmir Missio. Civilização Brasileira (tel. 0/xx/21/2585-2000). 320 págs., R\$ 39,90.

+ Importado A New Literary...

... History of America" (Uma Nova História Literária da América). Traz mais de 200 ensaios sobre aspectos variados da história e da cultura dos EUA, desde a concepção do Novo Mundo no século 16. Greil Marcus e Werner Sollors (org.) Harvard University Press. 1.128 págs., US\$ 49,95, R\$ 89.

Ponto de Fuga

O bom selvagem 1

"Avatar" traz consigo o velho fascínio, que pertence à antropologia, mas é bem anterior a ela: o do paraíso que está no outro

JORGE COLI
COLUNISTA DA FOLHA

Vamos almoçar em Canudos! e "Vamos jantar em casa!". As duas frases, bem parecidas, são pronunciadas em situações idênticas. A primeira é uma exclamação do coronel Moreira César, registrada por Euclides da Cunha em "Os Sertões". César, retratado nesse livro como exemplo da estúpida militar histórica, lançou esse grito antes da batalha contra os jagunços de Canudos em quemoria.

A segunda é resnada pelo coronel Miles Quaritch, não menos estúpido, não menos histórico e não menos militar, antes do ataque contra Pandora, em "Avatar", de James Cameron. Quaritch também morre na inesperada derrota.

Moreira César e Miles Quaritch têm outro ponto em comum: são personagens de duas formidáveis criações épicas, o livro e o filme.

Cameron decerto não leu Euclides da Cunha. Mas as duas cenas são mais do que apenas coincidentes. Fazem parte de lembranças coletivas, em eco. Remetem à resistência daqueles que são mais frágeis só em aparência e mais fortes em espírito e vontade.

É uma conjuntura que viaja em idas e vindas, da história para as artes: os EUA tiveram fracassos militares semelhantes, dos quais o Vietnã é exem-



Cena do filme "Avatar", em cartaz em São Paulo

plar e "Apocalypse Now", seu grande épico.

As gabolices retumbantes de Moreira César e Miles Quaritch atualizam a versão, primordial e realista, de Léonidas nas Termópilas: "Almocemos como homens que jantaram nos Infernos".

Cipós

Léonidas e seus espartanos: um punhado de resistentes contra o grande exército persa. Daí o realismo da frase. César e Quaritch, fortes e fanfarrões, são inconscientes e anti-páticos. Ao contrário, os fracos, vítimas potenciais, despertam sempre solidariedade.

As enormes desproporções militares pressepõem quase sempre diferenças de cultura:

foi assim em Canudos e no Vietnã, é assim entre os terríqueos e os na'vi de Pandora. Cameron insere em sua história um projeto antropológico, chefiado pela dra. Grace Augustine, uma irresistível Sigourney Weaver.

Há quem destrua, há quem tente compreender. "Avatar" traz consigo o velho fascínio, que pertence à antropologia, mas é bem anterior a ela: o do paraíso que está no outro.

Quantos antropólogos, ao estudarem, não procuraram integrar seus próprios objetos? Entre tantos e tantos, o admirável Curt Nimuendaju, abandonando seu sobrenome alemão por um guarani e morrendo entre os tucunas, na Amazônia.

Nimuendaju era fascinado

pela busca indígena e mítica do paraíso, ou terra sem males. Seu nome, ao que parece, pode ser traduzido por "aquele que encontrou seu lugar".

Ferro velho

James Cameron tem fascínio pela fusão entre homem e máquina. Ela o levou aos dois "Exterminador do Futuro" [em 1984 e 1991]. A atração já estava em "Xenogenesis", seu primerríssimo curta-metragem, que pode ser visto no YouTube. Ali nasceu o gigantesco soldado robô (em "Avatar" ironicamente apresentado como um Golias de aço sem cabeça).

Vasos comunicantes

Cameron também é arado pelas metamorfoses genéticas, pelos mistérios biológicos, assim, seu "Aliens - O Resgate".

Em "Avatar" defrontam-se o homem racional e militar, cúmplice articulado da máquina, e o alienígena suave, que sabe conectar-se e sintonizar-se com a natureza. Ou, ainda, o capitalista que calcula lucros e o selvagem que intui e fusiona com seu mundo.

Guerra entre o mecânico e o orgânico, entre a insatisfação insaciável e a plenitude bem-aventurada. Um maniqueísmo que conserva sua verdade no fato de que o primeiro termo se esqueceu da possibilidade do segundo.

Coli@folha.com.br

Discoteca Básica



O compositor em 2003

Jards Macalé

PAULO MIKLOS
ESPECIAL PARA A FOLHA

Primeiro disco de Jards Macalé, gravado em 1972. Fundamental para quem gosta de música popular brasileira, tropicalismo, bossa-nova, samba, free jazz, rock and roll, pop, tudo ao mesmo tempo, numa síntese poucas vezes alcançada com tanta cruza, potência e poesia.

É neste disco conceitual que Macalé se revela um intérprete sofisticado, com a dinâmica que se tornou sua marca registrada, do grito de urgência ao sussurro de prazer numa mesma frase. Imperdível.

PAULO MIKLOS é vocalista e guitarrista do T13 e ator. Está no elenco do filme "O Proibido Futuro", do Anna Mayday.